

# O RISCO DE SE FICAR À MARGEM

Principais trechos da exposição do senador Fernando Henrique Cardoso

O desafio que o Brasil enfrenta hoje já foi colocado. É um desafio percebido por todos. O mundo mudou, a economia se internacionalizou, as estruturas de incrustação da economia no Estado não podem continuar como vieram sendo até agora e esse nó górdio tem que ser cortado no Brasil.

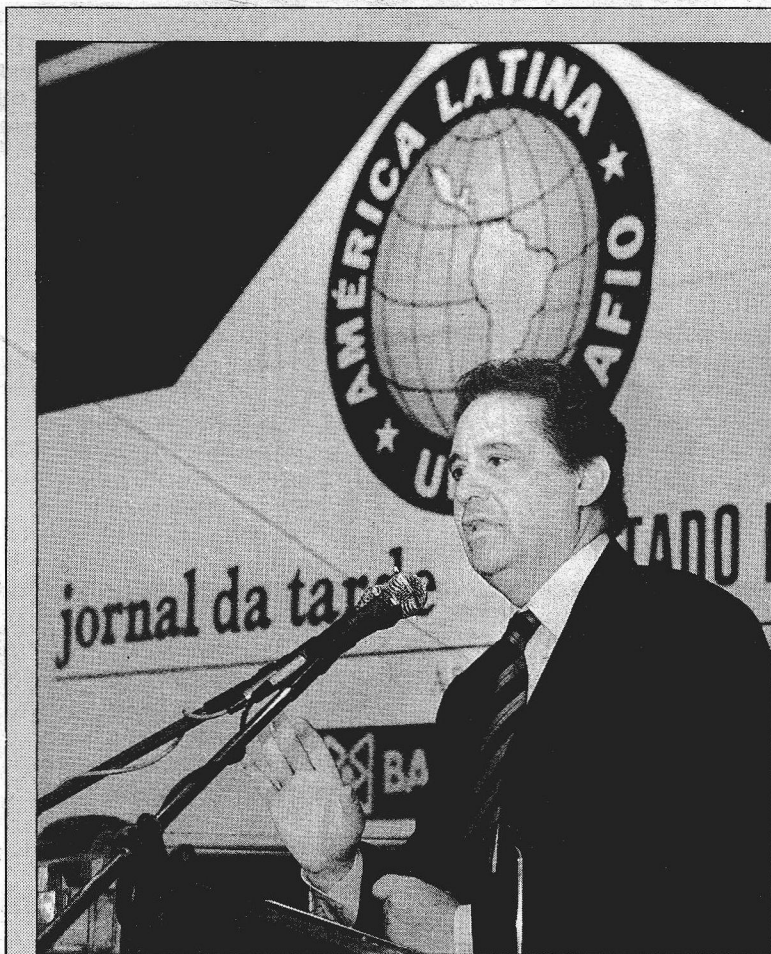
Eu li com muita atenção os documentos publicados pelo **Jornal da Tarde** a respeito da economia da Venezuela, Chile, Argentina e México. Mas eu queria fazer algumas ponderações. Brasil, Argentina, Chile e México, embora hoje se defrontem com o mesmo desafio — ou seja, como é que eles vão se integrar na economia internacional —, a partir de suas próprias economias e com suas peculiaridades, tratam de ver o que é possível e o que não é.

Embora, portanto, tenham esse mesmo desafio, partem de bases um pouco diferentes. Eu até diria que a Argentina e o Brasil, do ponto de vista histórico, tiveram uma evolução mais parecida entre si do que Brasil e Chile, ou Argentina e Chile, ou Brasil e México, ou Argentina e México. O México e o Chile organizaram suas economias a partir de uma forte presença estatal, muito mais forte que a brasileira e a argentina, com uma sociedade civil mais débil historicamente e orientados para a exportação de produtos fundamentais.

O Brasil é uma economia não só continental, muito mais do que as outras. Embora seja um país grande, e o México também, a economia lá se concentra mais do que aqui. A nossa é mais dispersa. Então, o nosso desafio é o mesmo, mas as condições para enfrentá-lo são diferentes, mais complexas. E agora, um pouco de ufanismo: talvez tenhamos mais chance de êxito.

Até hoje a renda per capita brasileira, comparando a esses países, é mais alta. É mais alta que a do México e da Argentina, bem mais alta que a do Chile e mais alta até que a da Venezuela, que é alta por causa do petróleo. Quando eu vou olhar os indicadores sobre a dívida externa, a posição do Brasil é confortável. É confortável porque em termos do PIB nosso endividamento não é tão grande assim. Mesmo o que se paga de juros, comparando com esses países nós temos uma certa folga. A impossibilidade não vem daí.

Eu disse outro dia uma coisa cruel, que eu repito aqui: as grandes teorias sociológicas estiveram baseadas sempre na exploração — do homem pelo homem, de um país por outro país. Agora tem uma tragédia maior:



**AS TEORIAS SOCIOLÓGICAS SEMPRE ESTIVERAM BASEADAS NA EXPLORAÇÃO — DO HOMEM PELO HOMEM, DE UM PAÍS POR OUTRO. AGORA TEM UMA TRAGÉDIA MAIOR: TEM OS QUE NÃO SERVEM NEM PARA SER EXPLORADOS. E DENTRO DE CADA UM DE NOSSOS PAÍSES TEM MASSAS HUMANAS QUE NÃO SERVEM MAIS DE BASE PARA A RIQUEZA.**

(do senador Fernando Henrique Cardoso do PSDB-SP)

tem os que não servem nem para ser explorados. E dentro de cada um dos nossos países tem massas humanas que não servem de base para nada, não servem mais de base para a riqueza.

A riqueza não se produz mais com base na exploração de mão-de-obra barata ou de recursos naturais. Ela se produz em função de um desenvolvimento tecnológico brutal e da capacidade que tem a população de, com lucidez, participar do processo produtivo. Essa é a falha do Brasil. Essa é a grande questão que nós temos de enfrentar.

No Brasil, feito o diagnóstico, tem que haver algumas prioridades. Eu não acredito que se consiga fazer nada de mais sério se nós não pusermos o Estado em condições de funcionar eficientemente no que é o desafio do mundo contemporâneo. Ponto dois: eu não acredito que o salto que nós precisamos dar possa ser dado sem uma modificação profunda do sistema eleitoral.

Reforma do Estado, reforma do sistema político, reforma da educação. O resto, os empresários vão fazer sozinhos. E nós temos melhores condições do que muitos dos nossos vizinhos. Porque temos uma sociedade civil mais forte, infinitamente mais forte que a mexicana ou venezuelana, equiparável à argentina.

A Argentina é um país pelo qual eu tenho muita admiração, porque fez uma transformação muito grande desde o século passado. É um país que tem vitalidade, que se perdeu um pouquinho mas depois recupera essa vitalidade. Nós estamos com o caminho de mercado comum aberto. Claro que o mercado comum exige negociações. Ninguém abre de repente, baixa a tarifa e tudo se resolve.

O mercado não é o reino da felicidade: ele foi pensado assim nos primórdios, quando chamava-se "o doce mercado". O mercado é guerra, mas é boa guerra, onde os mais competentes podem avançar. E exige também uma ação governamental. Veja os japoneses: não tem ação governamental?

Nós temos condições para enfrentar esse desafio. Agora, eu acho que não é na área estritamente econômica que ele se dá, é na área política e na área social. Na área social, privilegiando a educação, e na área política, a reforma do sistema eleitoral, para que possamos reformar o Estado. E quanto ao mercado, quanto às empresas, acho que nós temos uma vitalidade tão grande, no Brasil, com uma capacidade de poupança tão elevada, que se nós fizermos a nossa parte elas farão a delas.